



Toponímia urbana de Caarapó – MS: para além da homenagem a pessoas

Urban toponymy of Caarapó – MS: beyond the homage to people

Ana Paula da Silva MACHADO*

Bruno Oliveira MARONEZE**

Marilze TAVARES***

RESUMO: Este estudo se insere no campo da Onomástica, área que se ocupa dos nomes próprios em geral, e, como recorte específico, investiga um conjunto de topônimos – nomes próprios de lugar urbanos. Pesquisas realizadas anteriormente, como as de Mori (2007), Tavares (2017) e Isquierdo (2023), têm mostrado que a toponímia urbana é um espaço de homenagens, especialmente a pessoas. Neste trabalho, entretanto, o objetivo geral foi realizar um exame de topônimos urbanos de Caarapó (MS) que têm outras motivações, isto é, aqueles que não se incluem nas categorias (Dick, 1990a) constituídas por nomes e/ou sobrenomes de pessoas. Os dados foram coletados de um mapa municipal fornecido pela prefeitura e o *corpus* ficou constituído de 72 nomes de ruas, travessas e avenidas; em seguida, os dados foram organizados em quadros seguidos da análise. Como o foco do estudo foi a motivação, dentre os resultados, destaca-se que as categorias motivacionais mais recorrentes são os *fitotopônimos* (19), os *corotopônimos* (17) e os *zootopônimos* (11), sendo exemplificadas, respectivamente, por Travessa das Flores e Rua dos Ipês, Rua Nazaré e Rua Paraná, Ruas das Araras e Rua dos Tucanos. A análise aponta, ainda, que apesar da categoria que inclui os nomes religiosos (hierotopônimos) não estar entre as mais recorrentes, a referência a esse aspecto cultural pode ser notada em vários topônimos como, por exemplo, nos que foram considerados corotopônimos, entre os quais estão vários nomes de cidade que aparecem na Bíblia. Constatou-se, ainda que, apesar da presença histórica e contemporânea de comunidades indígenas no município, observa-se um apagamento de aspectos da cultura dessa população na toponímia urbana. Tal ausência pode ser entendida como resultado das decisões dos gestores responsáveis pela nomeação dos espaços públicos.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Toponímia urbana. Motivações. Caarapó (MS).

* Mestre em Letras (UFGD). Professora Coordenadora de Educação Básica. Rede Privada. Dourados, MS – Brasil. anapaulasmachado4@gmail.com

** Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (USP). Professor Associado da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, MS – Brasil. brunomaroneze@ufgd.edu.br

*** Doutora em Estudos da Linguagem (UEL). Professora Associada da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados, MS – Brasil. marilzetavares@ufgd.edu.br

ABSTRACT: This study falls within the field of Onomastics – the area dedicated to the study of proper names – and, as a specific focus, investigates a set of urban toponyms, that is, proper names of places located in urban areas. Previous research, such as Mori (2007), Tavares (2017), and Isquerdo (2023), has shown that urban toponymy often serves as a space for homage, especially to individuals. This study, however, aims to examine urban toponyms from Caarapó (MS) that have other motivations, that is, those not included in the categories (Dick, 1990a) based on personal names and/or surnames. The data – the toponyms – were collected from a municipal map provided by the city hall, resulting in a corpus of 72 names of streets, lanes, and avenues. The data were then organized in tables and analyzed. As the study focuses on the motivation behind the names, among the results it stands out that the most frequent motivational categories, excluding anthroponymic references, are phytotoponyms (19), chorotoponyms (17), and zootoponyms (11), exemplified respectively by *Travessa das Flores* and *Rua dos Ipês*, *Rua Nazaré* and *Rua Paraná*, *Rua das Araras* and *Rua dos Tucanos*. The analysis also reveals that, although religious names (hierotoponyms) do not constitute a predominant category, references to this cultural aspect appear in several toponyms, particularly among the chorotoponyms, including names of biblical cities. Furthermore, despite the historical and contemporary presence of Indigenous communities in the municipality, an erasure of elements of their culture can be observed in the urban toponymy. This absence may be understood as a result of political decisions made by those responsible for naming public spaces.

KEYWORDS: Lexicon. Urban toponymy. Motivations. Caarapó (MS).

Artigo recebido em: 02.07.2025

Artigo aprovado em: 18.05.2026

1 Introdução

A nomeação de lugares é uma prática comum a todas as sociedades humanas e constitui um processo linguístico e sociocultural, cuja análise pode ajudar a evidenciar aspectos relevantes da história, da identidade e da organização espacial de uma comunidade. Por sua reconhecida importância, os nomes de lugares, chamados de topônimos, tornaram-se objeto de estudo da Toponímia (ou Toponomástica), ramo da Onomástica dedicado aos nomes próprios em geral.

Estudos toponímicos já realizados – Dick (1987, 1990a, 1990b, 1998, 2008), Trapero (1985), Isquerdo (2020) – têm demonstrado que as escolhas lexicais utilizadas para a nomeação dos referentes espaciais – de área rural ou de área urbana – não são aleatórias, mas motivadas por fatores diversos, que podem ser físicos, históricos e culturais, refletindo a cosmovisão de membros da comunidade que habitam ou habitaram essas áreas. No contexto urbano, a nomeação dos espaços adquire

relevância ainda maior, pois costuma refletir dinâmicas de poder, memória e pertencimento.

Trabalhos como os de Mori (2007), Tavares (2017) e Isquierdo (2023) demonstram que a toponímia urbana é, em grande parte, marcada por um padrão de homenagens, especialmente a pessoas – uma prática consolidada como forma de reconhecimento social e preservação da memória. É preciso considerar, entretanto, que nem sempre a escolha dos homenageados reflete, de fato, o reconhecimento da maioria dos membros da comunidade.

Os nomes atribuídos às avenidas, às ruas e aos demais logradouros, porém, não se limitam à homenagem a pessoas. Assim como na nomeação de elementos geográficos da área rural, outros aspectos relacionados ao ambiente físico natural ou a aspectos subjetivos, afetivos e culturais dos grupos humanos costumam ser recuperados na toponímia urbana.

Nesse sentido, o objetivo do estudo que se apresenta neste artigo foi investigar quais outras motivações podem ser verificadas na toponímia urbana de Caarapó¹ – para além dos nomes de pessoas. Com a recuperação das motivações presentes na paisagem urbana, espera-se ampliar a compreensão das estratégias de nomeação utilizadas nesse município. A pesquisa pretendeu, ainda, verificar, eventuais influências da cultura indígena nesse recorte da toponímia de Caarapó, tendo em vista a significativa presença de povos indígenas no município e na região. Parte-se da premissa de que atribuir nomes, nesse caso, aos logradouros públicos, é prática social significativa, que expressa modos de ver, interpretar e organizar o espaço por meio da linguagem.

¹ O topônimo Caarapó, relativo ao município, pode ser interpretado, mais literalmente, como “raiz da erva” ou, conforme a site da prefeitura, “terra da erva-mate”. Sampaio (1987) explica os termos que compõem o topônimo: “CAÁ: A folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mate [...]” (p. 210) e “APÓ: A raiz, a base, a fundação [...]” (p. 196).

2 Referencial teórico

Os nomes próprios são utilizados para identificar individualmente pessoas, lugares, entidades ou objetos específicos, distinguindo-os de outros da mesma categoria. Eles desempenham um papel fundamental na linguagem e carregam significados históricos, afetivos, sociais, religiosos entre outros. O estudo sistemático dos nomes próprios é realizado pela Onomástica – que se vincula à Linguística – e se divide em áreas como a Antroponímia (estudo de nomes de pessoas) e a Toponímia (estudo de nomes de lugares).

Para a pesquisa, cujos resultados se apresentam neste artigo, interessam considerações sobre a Toponímia, isto é, sobre o estudo de nomes de lugares, de elementos geográficos físicos ou humanos de áreas rurais ou urbanas. Um dos precursores dessa área, o linguista francês Albert Dauzat, menciona aspectos sobre a importância dos estudos toponímicos, afirmando:

Esta ciência constitui, antes de tudo, um capítulo valioso da psicologia social. Ao nos ensinar como designamos, de acordo com os tempos e os ambientes, as cidades e aldeias, os domínios e os campos, os rios e as montanhas, nos faz compreender melhor a alma popular, suas tendências místicas ou realistas, seus meios de expressão [...] (Dauzat, 1946, p. 9, tradução própria)².

Como se nota, é possível afirmar que os nomes geográficos vão além da simples função referencial e identificadora, podendo carregar conteúdos históricos, culturais, sociais e dar pistas sobre os modos de vida dos grupos humanos. A isso, acrescenta-se que a toponimista brasileira Dick (1990b) entende os topônimos como

[...] verdadeiros “testemunhos históricos” de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população,

² No original : Cette Science constitue, d’abord, un chapitre précieux de psychologie sociale. En nous enseignant comment on a désigné, suivant les époques et les milieux, les villes et villages, les domaines et les champs, les rivières et les montagnes, elle nous fait mieux comprendre l’âme populaire, ses tendances mystiques ou réalistes, ses moyens d’expression [...] (Dauzat, 1946, p. 9).

encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a toponímia se situa como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (Dick, 1990b, p. 22).

Dessa forma, de acordo com esses autores, os topônimos, ainda que se constituam, antes de tudo, como elementos que integram o léxico e, portanto, parte da língua, têm valor denominativo que transcende o simples fato de identificação e adquirem estatuto de verdadeiros documentos históricos, vinculados a aspectos de natureza física e antropocultural da região onde estão inseridos.

Conforme já mencionado, o estudo apresentado foca em um conjunto de topônimos da área urbana do município de Caarapó (MS). Quando se tomam para estudo um recorte de toponímia urbana, é comum o destaque para o fato de que esse tipo de nomeação é fundamentado, recorrentemente, em homenagens, especialmente a pessoas. Nesse sentido é que se afirma que os nomes próprios identificam e individualizam os referentes urbanos, “[...] mas, ao mesmo tempo, constituem um meio oficial de render homenagem a pessoas que tenham contribuído com seus feitos, obras ou doações ao engrandecimento da cidade, do país ou ao progresso universal”³ (Mori, 2007, p. 316, tradução própria).

É preciso considerar, entretanto, que, embora Mori (2007) destaque o papel dos nomes próprios como instrumentos de homenagem a sujeitos que teriam contribuído para o engrandecimento da cidade, do país ou para o progresso universal, há que se observar que a própria ideia de “contribuição” não é objetiva nem consensual. Trata-se, antes, de uma interpretação política e histórica, produzida a partir de relações de poder específicas e de regimes de memória que legitimam certos feitos, sujeitos e narrativas em detrimento de outros. Assim, os processos de nomeação urbana não apenas identificam e individualizam os referentes, mas também materializam escolhas

³ No original: Sin embargo, al mismo tiempo, constituyen un medio oficial para rendir homenaje a personas que han contribuido con sus hechos, obras o donaciones al engrandecimiento de la ciudad, del país o al progreso universal.

ideológicas, revelando disputas em torno de quem deve ser lembrado, celebrado e inscrito no espaço urbano.

Reitera-se que a pesquisa realizada analisou o conjunto de hodônimos – excetuando-se referências a pessoas –, tendo em vista que os nomes de pessoas na toponímia urbana de Caarapó (MS) é um recorte que será objetivo de estudo posterior dos autores deste artigo.

Para análise dos dados, parte-se do modelo taxionômico de Dick (1990a), que tem servido como parâmetro para muitas investigações de toponímia brasileira, inclusive no âmbito do projeto interinstitucional Dicionário de Topônimos do Estado de Mato Grosso do Sul (DTMS)⁴, ao qual o estudo que se apresenta neste artigo está vinculado. Por essa razão, procura-se seguir, sobretudo nos pontos essenciais, os mesmos pressupostos teóricos e metodológicos utilizados no projeto citado.

O modelo taxionômico, amplamente utilizado por pesquisadores brasileiros, é constituído por 27 categorias definidas conforme os elementos motivadores dos topônimos. Tais elementos podem ser de natureza física e fazer referência à vegetação, à fauna, às características do solo, entre outros; ou serem relativos a elementos de natureza antropocultural, incluindo referências religiosas, estados anímicos ou impressões subjetivas de quem atribui o nome, datas e fatos históricos, entre outros. As categorias⁵ que aparecem neste estudo foram definidas na seção da análise dos dados. Acrescenta-se ainda que o modelo oferece um inventário taxionômico amplo, capaz de acomodar a variedade de designativos encontrados na toponímia nacional. Essa abrangência possibilita não apenas a classificação dos topônimos, mas também a interpretação de suas motivações semântico-culturais, permitindo que o pesquisador identifique regularidades, tendências e especificidades regionais.

⁴ Trata-se de projeto interinstitucional, em andamento, sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e coordenado pela professora Aparecida Negri Isquierdo.

⁵ Para conhecer o modelo completo, consultar Dick (1990a).

Ainda sobre o modelo taxionômico, é necessário considerar que, segundo a própria autora que o organizou, ele deve “[...] ser interpretado como um instrumento de trabalho que permitirá suprir a aferição objetiva de causas motivadoras dos designativos geográficos procurando suprir as demandas da pesquisa” (Dick, 1990b, p. 26).

Ao se discutir a questão da motivação dos topônimos, consideram-se dois aspectos diferentes: “a intencionalidade que anima o denominador, acionado em seu agir por circunstâncias várias, de ordem subjetiva ou objetiva, o que o levam a eleger, num verdadeiro processo seletivo, um determinado nome [...]” e a “própria origem semântica da denominação [...]” (Dick, 1990b, p. 39). Em outras palavras, trata-se de dois pontos de vista: O primeiro é “aquele do denominador e das razões que o levaram, dentro de um processo paradigmático de possibilidades, a selecionar uma delas, a que mais respondesse às suas necessidades momentâneas de opção”; e o segundo é “o da natureza do produto dessa escolha, isto é, da substância mesmo do topônimo, revelada pelos seus componentes linguísticos” (Dick, 1990b, p 49). A análise de uma ou outra perspectiva residiria em fatos distintos, segundo a autora.

Especialmente pelo distanciamento espacial e temporal do aparecimento do nome nem sempre será possível acessar e analisar a motivação considerando o ponto de vista do denominador e das causas de sua ação – a menos que haja registros históricos confiáveis que auxiliem a pesquisa. Ademais, a recuperação de registros históricos para cada topônimo, quando se trabalha com uma quantidade maior de dados, nem sempre é opção viável ao pesquisador.

A análise dos topônimos e suas relações com a intenção do nomeador tem sido, há muito tempo, objeto de reflexão entre toponimistas. Dick (1990b, p. 50), por exemplo, menciona Stewart (1954), que apresentou uma proposta tipológica baseada na intencionalidade do denominador.

Esse autor não propôs exatamente uma taxionomia, mas um conjunto de mecanismos pelos quais os nomes surgem. Seu foco está no ato da nomeação, isto é,

no *como* o nome foi atribuído, resultando em tipo como *descriptive names* (descrevem o lugar), *commemorative names* (homenageiam pessoas ou eventos), *incident names* (remetem a um fato ocorrido), *shift names* (nomes transferidos de outro lugar) (Stewart, 1954, p. 2). Tendo em vista os mecanismos elencados, o interesse principal está no processo cognitivo e histórico da nomeação, não na organização semântica do léxico toponímico.

Já Blair e Tent (2021), que mais recentemente também propuseram tipologia revisada para nomes de lugares, ao discutirem a questão da motivação sugerem que uma análise responda a cinco questões para cada nome de lugar: o que é (que tipo de feição), onde está localizado, quem o nomeou, quando foi nomeado e por que recebeu esse nome.

Assim como Dick (1990b) já havia alertado sobre a dificuldade de se recuperarem as causas da escolha de topônimo, esses autores afirmam que “A pergunta final – por quê – concentra-se no elemento específico do topônimo e é frequentemente a mais difícil de responder, pois a razão para a escolha de um determinado elemento específico raramente é documentada, e a intenção do nomeador no momento da nomeação é, em grande medida, objeto de especulação”⁶ (Blair; Tent, 2021, p. 34 – tradução nossa). Entretanto, afirmam que “[...] uma explicação proposta para a origem de um elemento específico constitui uma tentativa de identificar o que havia na natureza da feição ou na ocasião de sua nomeação que pode ter gerado sua forma toponímica”⁷ (Blair; Tent, 2021, p. 34 – tradução nossa). Em outras palavras, privilegia-se a análise da feição e das circunstâncias que a envolvem, em detrimento de conjecturas sobre os processos mentais ou motivações subjetivas do agente nomeador, uma vez que não é possível acessar retrospectivamente sua intenção com

⁶ No original: The final question the why question focuses on the specific element of the toponym, and is often the most difficult to answer, because the reason for the choice of the particular specific element is not often documented and the namer’s intention at the point of naming is a matter for speculation.

⁷ No original: [...] a purported explanation for the origin of a specific element is an attempt to identify what it was in the nature of the feature or in the occasion of its naming that might have generated its toponymic form.

segurança ou precisão. Essa explicação esclarece que não se trata de se acessarem as intenções vinculadas a aspectos psicológicos e, portanto, subjetivos. Mas a proposta pressupõe um retorno ao momento/contexto da nomeação para se compreenderem que fatores teriam contribuído para a escolha do nome.

Nota-se, portanto, que a proposta de Dick (1990a) se distingue tanto da de Stewart (1954) quanto da de Tent e Blair (2020). Enquanto essas últimas se voltam de modo mais sistemático para os mecanismos de nomeação e para os processos que motivam a atribuição dos nomes, a taxionomia da pesquisadora brasileira fundamenta-se na consideração do topônimo como produto linguístico: “a própria existência do nome geográfico, como expressão linguística, desvinculado de qualquer procedimento diacrônico, em tese ou genericamente, foi o sustentáculo das taxes sugeridas” (Dick, 1990b, p. 58). Trata-se, portanto, de um modelo que privilegia o resultado do ato de nomear, e não necessariamente os processos históricos, sociais ou intencionais que o antecedem.

Esse raciocínio não significa, porém, que Dick não ofereça subsídios teóricos importantes para uma leitura crítica da toponímia urbana. Em diferentes momentos de sua obra, a autora ultrapassa a perspectiva classificatória ou estrutural dos topônimos e reconhece explicitamente a dimensão ideológica dos processos denominativos. Afirma, por exemplo, que a toponímia pode evidenciar “situações reveladoras [...] de poder, autoridade, opressão; e, no plano do dominado, submissão, obediência ou acomodação” (Dick, 1998, p. 100); destaca ainda que os processos denominativos estão vinculados à “mentalidade dominante” e que os nomes constituem “marcas do pensamento dominante”.

Dessa forma, reitera-se que, no estudo aqui apresentado, o modelo taxionômico de Dick é aplicado ao *corpus* de maneira crítica e reflexiva. Parte-se do reconhecimento de que o método considera primordialmente o sentido do produto da nomeação e que, por essa razão, as taxes identificadas podem ou não ser explicadas por uma relação direta entre o nome e elementos empiricamente observáveis no espaço nomeado.

Diante do exposto, entende-se que a mobilização do trabalho clássico de Stewart (1954) e do estudo mais recente de Blair e Tent (2021) mostra-se relevante na medida em que também contribuem para se avançar na análise para além da classificação dos topônimos segundo as categorias taxionômicas. Esses aportes teóricos contribuem para a compreensão dos mecanismos de nomeação que tendem a se consolidar em determinados contextos geográficos e em recortes específicos da toponímia, tais como áreas urbanas e rurais, bem como na denominação de elementos geográficos físicos ou humanos.

No caso da toponímia urbana brasileira, observa-se, por exemplo, a recorrência de nomes de pessoas, datas históricas, recuperação de topônimos já existentes em outros espaços geográficos. Esses procedimentos revelam mecanismos de nomeação amplamente institucionalizados, reiterados por práticas administrativas, políticas e culturais, que favorecem a repetição de determinados padrões denominativos e a estabilização de formas específicas de atribuição dos nomes no espaço urbano.

Por fim, a consideração da intenção da nomeação, tal como sugerida por Blair e Tent (2021), revela-se particularmente produtiva para a análise de topônimos que, embora se enquadrem em determinadas categorias do modelo taxionômico de Dick (1990a), mobilizam sentidos que extrapolam a motivação aparente da classificação. É o caso de denominações como *Rua Monte das Oliveiras* e *Rua Monte Carmelo* (ver seção da análise dos dados) classificadas como geomorfotopônimos, mas que acionam, simultaneamente, referências de natureza religiosa.

Dessa forma, reafirma-se que a análise desenvolvida parte do modelo taxionômico mencionado como eixo metodológico central, como fazem outros pesquisadores de toponímia urbana no Brasil (Isquerdo, 2023; Cambraia; Seabra, 2024), mas avança ao acionar outros estudos da área, incorporando uma reflexão mais ampla sobre os mecanismos, as intenções de nomeação e sobre os múltiplos sentidos que atravessam a toponímia urbana.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa toponímica apresentada caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa e quantitativa, com abordagem exploratória e descritiva, inserindo-se no campo dos trabalhos onomásticos, mais especificamente dos estudos toponímicos. A abordagem quantitativa foi empregada na contagem e distribuição dos topônimos por categorias, o que possibilitou identificar tendências e proporções demonstradas por um gráfico (Gráfico 1). Já a abordagem qualitativa permitiu considerações acerca de aspectos socioculturais, políticos e outros verificados nos topônimos e não apreendidos exatamente apenas pela classificação dos topônimos conforme as taxas do modelo utilizado.

No que se refere ao local da pesquisa, registra-se que o município de Caarapó, localizado no estado de Mato Grosso do Sul, tem suas origens ligadas à extração da erva-mate. A região foi inicialmente povoada por funcionários da Companhia Mate Laranjeira, uma empresa dedicada à exploração da erva-mate nativa. Conforme registro do site do IBGE, o povoado do qual se originou o município de Caarapó surgiu por volta do ano de 1927, passou a categoria de distrito de Dourados e foi emancipado como município em 1958. Trata-se, portanto, de um município relativamente novo. Assim, considerando uma menor estratificação temporal e uma relativa proximidade entre os momentos de nomeação dos topônimos, opta-se por uma perspectiva predominantemente sincrônica, entretanto, sem desconsiderar, quando necessários, determinados elementos históricos que ajudem a compreender os nomes atribuídos.

É importante destacar que o município abriga uma significativa população indígena, composta principalmente pelos povos Guarani-Kaiowá. De acordo com dados do Censo Demográfico (IBGE, 2022), a região possui mais de 4 mil indígenas⁸, o que representa uma parcela significativa da população local. Nesse sentido, se os estudos toponímicos partem de um pressuposto tácito de que aspectos da cultura local

⁸A população total, em 2022, era de 30.612 habitantes, segundo o IBGE.

podem estar refletidos na toponímia, espera-se, como já mencionado, verificar em que medida a presença indígena no município se reflete na toponímia.

No que se refere à coleta de dados, isto é, dos nomes oficiais de ruas, avenidas e travessas, objeto deste estudo, registra-se que foram coletados a partir de um mapa da área urbana do município, fornecido pela Prefeitura de Caarapó (MS) em 2024 a uma das autoras deste artigo. O *corpus* da pesquisa ficou constituído por 72 topônimos, que foram organizados em dois quadros (Quadro 1 e Quadro 2) para facilitar a visualização e o tratamento inicial dos dados. Reitera-se que a análise foi realizada, inicialmente, com base no modelo taxionômico proposto por Dick (1990a), que permite a classificação dos topônimos em categorias.

4 Apresentação e análise dos dados

Como o estudo se propôs à análise dos nomes das vias públicas de Caarapó (MS), foram considerados os nomes de avenidas, alamedas, ruas e travessas que aparecem no mapa utilizado como fonte para coleta dos dados (já referenciado). Ressalta-se que os itens lexicais “avenida”, “alameda”, “rua” e “travessa” se constituem como o elemento genérico do sintagma toponímico e que a análise da motivação recai sobre o elemento específico que aparece em seguida, considerado o topônimo propriamente dito.

Uma das primeiras constatações da pesquisa foi que, embora Caarapó se situe em uma região de forte presença indígena, essa característica não se reflete de modo expressivo na toponímia analisada. A influência indígena restringe-se, sobretudo, à origem etimológica de alguns topônimos de base tupi, cujos elementos lexicais dos quais advêm já se encontram amplamente incorporados ao português brasileiro, não configurando, portanto, uma especificidade denominativa regional diretamente vinculada às línguas indígenas atualmente faladas na região.

Na sequência, apresenta-se o Quadro 1, no qual estão os topônimos que foram incluídos, em razão do tipo de motivação, nas categorias antropoculturais. Conforme

é possível observar, as seguintes categorias desse grande grupo foram encontradas: animotopônimos, cardinotopônimos, corotopônimos, hierotopônimos e historiotopônimos.

Quadro 1 – Topônimos das categorias antropoculturais.

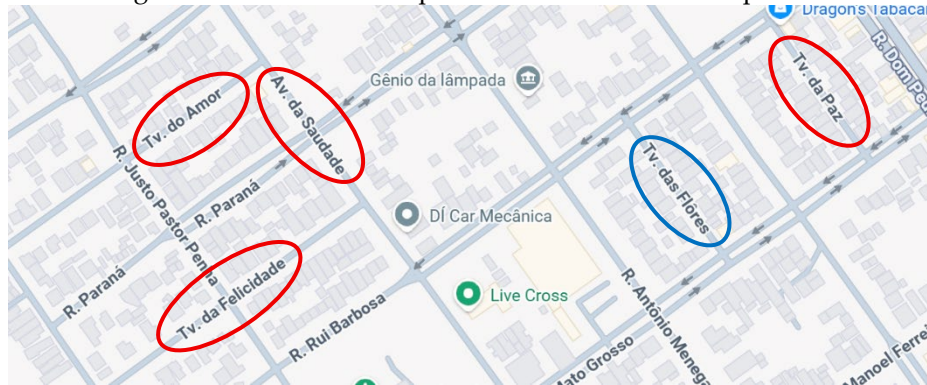
Elemento genérico	Topônimo	Taxionomia
Rua	da Saudade	animotopônimo
Travessa	da Felicidade	animotopônimo
Travessa	da Paz	animotopônimo
Travessa	do Amor	animotopônimo
Travessa	Noroeste	cardinotopônimo
Travessa	Sudeste	cardinotopônimo
Rua	Cafarnaum	corotopônimo
Rua	Mato Grosso	corotopônimo
Rua	Belém	corotopônimo
Rua	Cuiabá	corotopônimo
Rua	Bela Vista	corotopônimo
Rua	Minas Gerais	corotopônimo
Rua	Ponta Porã	corotopônimo
Rua	Santa Catarina	corotopônimo
Rua	São Paulo	corotopônimo
Rua	Goiás	corotopônimo
Rua	Hebron	corotopônimo
Rua	Jericó	corotopônimo
Rua	Jope	corotopônimo
Rua	Maranhão	corotopônimo
Rua	Nazaré	corotopônimo
Rua	Paraná	corotopônimo
Rua	Samaria	corotopônimo
Rua	Sergipe	corotopônimo
Rua	Adonai	hierotopônimo
Rua	Estrela da Manhã	hierotopônimo
Rua	Estrela de Davi	hierotopônimo
Rua	Primeiro de Maio	historiotopônimo
Avenida	XV de Novembro	historiotopônimo
Avenida	Sete de Setembro	historiotopônimo
Rua	Treze de Maio	historiotopônimo
Rua	Rotary	sociotopônimo

Fonte: elaborado pelos autores

Como se observa, a categoria de maior destaque, com 18 ocorrências, foi a dos corotopônimos, ou seja, aqueles designativos que já eram nomes de outros lugares (cidades, estados, países...). Trata-se da categoria de nomes transplantados, que é um mecanismo de nomeação recorrente, como já verificado por diversos autores, como Backheuser (1950), Nascentes (1960) e Dick (1990a, 1990b). Esse tipo de mecanismo de nomeação pode ser verificado especialmente na toponímia urbana, como demonstram trabalhos já citados neste estudo. Nesse grupo de nomes, chamam a atenção aqueles de cidades mencionadas na Bíblia, como *Cafarnaum*, *Jericó*, *Nazaré* e *Samaria*. Os nomes de estados brasileiros, como *Minas Gerais*, *São Paulo*, *Santa Catarina* e *Goiás*, também são corotopônimos atribuídos às ruas. Diversas razões podem motivar a transplantação de nomes, como, por exemplo, o prestígio do nome originário por razões históricas e culturais, mas também pode ser apenas a adoção de uma estratégia já consolidada especialmente na toponímia urbana.

A segunda categoria mais recorrente – quatro topônimos – é a dos animotopônimos, os quais têm como núcleo a ideia de um sentimento ou de uma atitude emocional. De acordo com a definição proposta por Dick (1990a, p. 32), esses topônimos são “relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental, e em seu aspecto mais importante, como fato cultural, não pertence à cultura física”. Assim, *saudade*, *felicidade*, *paz* e *amor* são unidades lexicais que constituem topônimos de ruas e travessas da cidade de Caarapó, resultando em sintagmas toponímicos como *Travessa da Paz* e *Travessa do Amor*. Esse campo semântico identificado parece ser resultado de um projeto sistemático que pode ser observado no recorte do mapa da área urbana do município de Caarapó (Figura 01), mas não absolutamente sistemático porque, como se nota, há uma travessa cujo nome não se inclui no mesmo campo semântico (*Travessa das Flores*). Além disso, esse tipo de animotopônimo poderia estar identificando apenas travessas, entretanto está atribuído a uma via de maior importância, ou seja, a uma avenida (*Avenida da Saudade*).

Figura 01 – Recorte do mapa da área urbana de Caarapó- MS.



Fonte: <https://www.google.com/maps>⁹

Na sequência, em quantidade, estão os historiotopônimos, representados por Rua *Primeiro de Maio*, Avenida *XV de Novembro* e Avenida *Sete de Setembro*, portanto três ocorrências. Essa categoria abrange topônimos por meio dos quais se recuperam, sobretudo, nomes de personalidades históricas, fatos, eventos e datas a eles associados, conforme define Dick (1990a, p. 33). Trata-se de denominações que possibilitam a evocação de acontecimentos do passado e que, em geral, se vinculam à preservação de aspectos da identidade e da memória cultural de uma comunidade. Contudo, ao serem incorporados ao espaço urbano, esses nomes não apenas cumprem uma função de orientação geográfica, mas também participam da construção e da legitimação de uma memória histórica específica, selecionada e hierarquizada, que reforça a centralidade de determinados eventos no imaginário social. Nesse sentido, embora se apresentem como representativos do coletivo, tais historiotopônimos podem não produzir identificação ou sentido para parcelas da população, evidenciando os limites e as disputas implicadas nos processos de memorialização inscritos na toponímia urbana. Nesse sentido, considera-se que os acontecimentos históricos fixados na toponímia urbana são selecionados pela “mentalidade dominante”, ou seja, se inscrevem como “marcas do pensamento dominante”, como afirma Dick (1998).

⁹ Caarapó – MS. Disponível em: <https://www.google.com/maps/search/Caarapó>. Acesso em: 09 jan. 2026.

Os hierotopônimos também foram representados apenas por três nomes – Rua *Adonai*, Rua *Estrela da Manhã* e Rua *Estrela de Davi*. Essa categoria inclui os nomes que são diretamente relacionados a aspectos religiosos em geral. Conforme registra Houaiss Online, *Adonai* é “entre os hebreus, um dos nomes de Deus no Velho Testamento, designando-o a partir de seu atributo de senhor” e ainda “o poder que de Deus emana”. Já *Estrela da Manhã*, apesar, de comumente, se referir, ao planeta Vênus, no contexto da nomeação da via urbana pareceu mais provável que a motivação fosse religiosa, remetendo ao sentido de “a vinda da luz de Deus”. Da mesma forma, *Estrela de Davi* pode ter o significado de proteção no âmbito do judaísmo, o que justificaria a inclusão do topônimo nessa categoria. Assim, apesar de, objetivamente, haver apenas três topônimos dessa categoria, as referências religiosas foram verificadas em nomes incluídos em outras categorias, como nos corotopônimos já mencionados e também nos geomorfotopônimos – dentre os de natureza física, como é possível observar no Quadro 2.

Os cardinotopônimos apresentaram menor número de ocorrências – duas –, referindo-se a localizações expressas por pontos cardeais, identificadas em Travessa *Noroeste* e Travessa *Sudoeste*. Essas denominações podem revelar uma preocupação com a orientação espacial e a organização urbana, indicando direções geográficas relevantes para a delimitação e a circulação no espaço, de modo semelhante às vias designadas por numeração. Além disso, cabe considerar que designações desse tipo podem funcionar, em um primeiro momento, como identificadores provisórios, associados a critérios técnicos de ordenação do espaço, mas também podem se estabilizar como nomes permanentes, à medida que passam a ser institucionalizadas e incorporadas ao uso cotidiano da comunidade.

Por fim, o topônimo Rua *Rotary* foi incluído na categoria dos sociotopônimos, uma vez que *Rotary* é nome de uma associação que se destina a prestar trabalhos comunitários voluntários. Tal escolha não se fundamenta na descrição ou facilitação da localização já que a instituição se localiza em outra via da cidade (Avenida Sete

de Setembro), mas pode evidenciar o reconhecimento, de parte da comunidade, de instituições que exercem papel considerado relevante na promoção do bem-estar coletivo. Além disso, a escolha desse nome mostra a disposição de valorizar entidades civis como referências simbólicas no espaço urbano.

Em trabalhos toponímicos diversos, nomes como Rua *Quatro*, Rua *Cinco*, Rua *Seis* e Rua *Sete*, que integram o *corpus* deste trabalho, costumam ser classificados como numerotopônimos. Entretanto, considerando a explicação e os exemplos de Dick para essa categoria, seriam numerotopônimos “topônimos relativos aos adjetivos numerais” como *Duas Barras* (BA), *Três Coroas* (RS). Entende-se que essas referências numéricas – Quatro, Cinco, Seis e Sete – não integram o sistema onomástico e identificam ruas que ainda não receberam nomes formais. Esse tipo de referência, ainda que muito funcional, costuma ser provisório, utilizado principalmente para facilitar a identificação e a organização espacial em áreas em desenvolvimento urbano.

Na sequência, apresenta-se o Quadro 2, no qual estão os topônimos incluídos nas categorias de natureza física. Desse grupo, apareceram no *corpus* três categorias: geomorfotopônimos, fitotopônimos e zootopônimos, conforme se constata.

Quadro 02 – Topônimos das categorias físicas.

Elemento genérico	Topônimo	Taxionomia
Alameda	das Orquídeas	fitotopônimo
Rua	das Amoreiras	fitotopônimo
Rua	das Cerejeiras	fitotopônimo
Rua	das Palmeiras	fitotopônimo
Rua	do Jatobá	fitotopônimo
Rua	dos Buritis	fitotopônimo
Rua	dos Carandás	fitotopônimo
Rua	dos Cedros	fitotopônimo
Rua	dos Coqueiros	fitotopônimo
Rua	dos Ingás	fitotopônimo
Rua	dos Ipês	fitotopônimo
Rua	Dos Jacarandás	fitotopônimo
Travessa	das Flores	fitotopônimo
Travessa	das Rosas	fitotopônimo

Rua	dos Resedás	fitotopônimo
Rua	Jequitibá	fitotopônimo
Rua	Peroba	fitotopônimo
Rua	Guaíçara	fitotopônimo
Rua	Angelim	fitotopônimo
Rua	Monte das Oliveiras	geomorfotopônimo
Rua	Monte Horebe	geomorfotopônimo
Rua	Monte Moriá	geomorfotopônimo
Rua	Monte Sinai	geomorfotopônimo
Rua	Monte Carmelo	geomorfotopônimo
Travessa	Vale da Esperança	geomorfotopônimo
Avenida	dos Curiós	zootopônimo
Avenida	dos Tucanos	zootopônimo
Rua	Beija Flor	zootopônimo
Rua	das Araras	zootopônimo
Rua	das Garças	zootopônimo
Rua	das Maritacas	zootopônimo
Rua	dos Canários	zootopônimo
Rua	dos Papagaios	zootopônimo
Rua	dos Pardais	zootopônimo
Rua	dos Tuiuiús	zootopônimo
Rua	dos Sabiás	zootopônimo

Fonte: elaborado pelos autores

A partir dos dados organizados no quadro, constata-se que os fitotopônimos constituem a categoria de natureza física de maior destaque, com 19 ocorrências. Conforme afirma a autora, “os topônimos que se originam de nomes de vegetais, sejam eles árvores, flores, frutas ou qualquer outro tipo de planta, são classificados como fitotopônimos” (Dick, 1990a, p. 33). Nomes como Rua *das Palmeiras* e Rua *dos Jatobás* podem, eventualmente, remeter direta ou indiretamente elementos da vegetação local, num processo de motivação transparente. Outra interpretação, entretanto, deve ser considerada: no caso da toponímia urbana, a presença de nomes relativos a elementos vegetais na designação de ruas não implica, necessariamente, que as espécies estejam ou tenham estado no espaço nomeado. Trata-se, antes, da mobilização do léxico referente à vegetação como um recurso consolidado nos processos de nomeação urbana, acionado por sua recorrência histórica e por sua institucionalização nos

repertórios toponímicos. Diferentemente do que pode ocorrer na toponímia rural – em que a relação entre o topônimo e elementos do ambiente natural tende a ser mais direta e motivada por experiências concretas do espaço –, na toponímia urbana essa vinculação é, em geral, mais tênue, convencional e mediada por práticas administrativas, culturais e políticas que organizam simbolicamente a cidade.

O raciocínio estende-se à categoria dos zootopônimos. Conforme Dick (1990a, p. 33), os topônimos oriundos de nomes de animais integram a classe dos zootopônimos, cuja motivação pode estar associada à fauna local, a tradições culturais ou aos valores e/ou importância atribuídos a determinados animais por uma comunidade. No *corpus* analisado, essa categoria totaliza 11 ocorrências, com predominância de denominações relacionadas a aves, como *Rua dos Pardais*, *Rua dos Curiós* e *Rua dos Tucanos*. No entanto, especialmente no âmbito da toponímia urbana, a recorrência desse tipo de nomeação não autoriza afirmar, de modo automático, uma relação direta entre o espaço nomeado e a presença atual ou pretérita dessas espécies. Antes, nomes que remetem a animais são utilizados como um recurso já estabilizado nos repertórios de nomeação urbana, com ampla circulação cultural.

A análise constatou a presença de seis geomorfotopônimos, que são, de acordo com Dick (1990b, p. 31), os topônimos relativos às formas topográficas, incluindo-se as elevações, depressões e formas litorâneas. Dos topônimos incluídos nessa categoria, destacam-se os formados pela lexia “monte”, responsável por sintagmas como *Rua Monte Moriá*, *Rua Monte das Oliveiras*, *Rua Monte Carmelo*. Esses nomes, apesar de terem sido incluídos na categoria dos geomorfotopônimos, fazem referência explícita a elementos geográficos bíblicos. Ressalta-se que os nomes de montes que aparecem na Bíblia já foram examinados por Silva (2008) em trabalho intitulado “Toponímia bíblica: um estudo dos montes nas escrituras sagradas”.

Ainda incluído nessa categoria, está o topônimo *Travessa Vale da Esperança*, pelo significado da palavra “vale”. Entretanto, é possível que a expressão seja também alguma referência religiosa. Sabe-se, por exemplo, que consta como parte do nome da

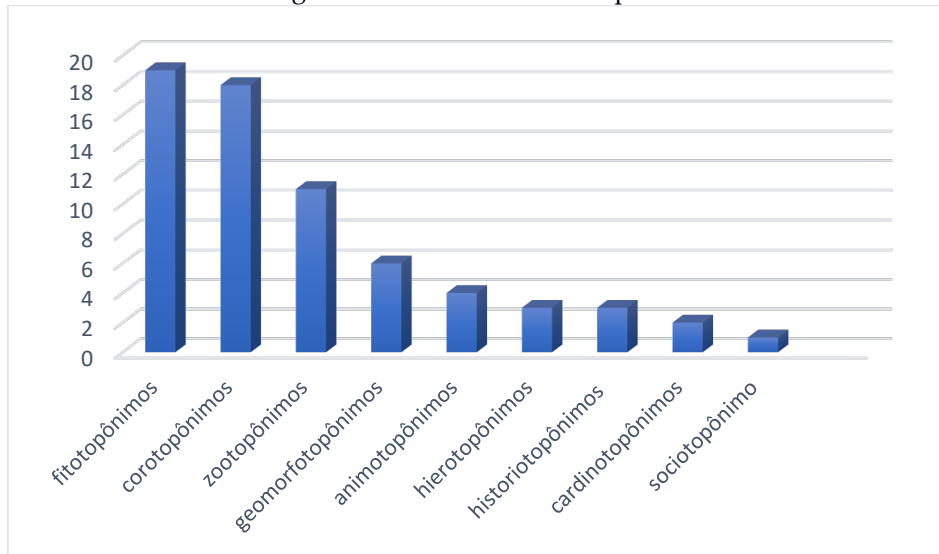
igreja Assembleia de Deus em alguns estados do Brasil. Além disso, durante a pesquisa, verificou-se que aparece também na letra do Hino Oficial de Caarapó: “Nos fastos teus, a vida é de bonança, / Com riquezas no solo incalculáveis;/ Teu nome lembra o ‘Vale da Esperança’, / Cheio de encantos, de vergéis amáveis.”¹⁰

Convém reiterar que a taxionomia proposta por Dick toma como ponto de partida o produto da nomeação, isto é, o topônimo enquanto forma linguística, classificando-o a partir do elemento motivador que se manifesta formalmente no nome. Isso não implica, contudo, que o processo denominativo se esgote nessa dimensão. As causas da nomeação podem ser múltiplas e atravessadas por fatores históricos, culturais e ideológicos que nem sempre se deixam apreender diretamente pela estrutura do nome. Assim, ainda que Rua *Monte Moriá*, Rua *Monte das Oliveiras*, Rua *Monte Carmelo* e Travessa *Vale da Esperança* se enquadrem, do ponto de vista formal, na categoria dos geomorfotopônimos, em razão da referência a elementos do relevo, a intenção denominativa pode mobilizar outras camadas de sentido. Em ambos os casos, observa-se a projeção de sentidos associados a valores positivos e a referências de natureza religiosa – no primeiro, pela evocação da *esperança*; no segundo, pela alusão a um espaço bíblico recorrente –, ainda que tais sentidos não se encontrem explicitados na taxionomia utilizada.

O gráfico a seguir demonstra a proporção de cada categoria toponímica relativa à motivação verificada no *corpus* analisado, considerando-se tanto as categorias de natureza física quanto as de natureza antropocultural.

¹⁰ Hino Oficial de Caarapó. Disponível em: <https://caarapo.ms.gov.br/logotipos-oficiais-e-hino/>. Acesso em: 26 jun. 2025.

Gráfico 1 – Categorias motivacionais dos topônimos analisados.



Fonte: elaborado pelos autores.

A pesquisa demonstrou que diversas outras motivações aparecem nos topônimos urbanos, além da estratégia de render homenagens a pessoas. O gráfico 01 permite visualizar o destaque quantitativo dos nomes relativos a elementos da vegetação e dos nomes transplantados, isto é, daqueles que já eram topônimos de outros lugares.

Comparando-se os resultados desta pesquisa com os de Bittencourt (2015), sobre a toponímia urbana de Três Lagoas (MS)¹¹, excluindo-se também a categorias dos antropotopônimos, verifica-se que a que se destacou nesse município, entre as de natureza física, foi a dos zootopônimos, figurando bem à frente dos fitotopônimos (em segundo lugar). De qualquer forma, coincidem as duas categorias físicas de maior destaque nos dois estudos. Já em relação às categorias de natureza antropocultural, os corotopônimos aparecem em quinto lugar no trabalho dessa autora. Já o estudo de Santos (2023), referente à toponímia urbana de Ladário (MS), também se excetuando as homenagens a pessoas, mostra que os fitotopônimos aparecem como a categoria mais recorrente entre as de natureza física; e os corotopônimos ficaram em terceiro

¹¹ A menção ao trabalho de Bittencourt (2015) e ao de Santos (2023) se justifica por eles considerarem toda a área urbana e não apenas regiões, como nos vários estudos sobre a toponímia urbana de Campo Grande (MS).

lugar entre as categorias de natureza antropocultural. Essa breve comparação permite constatar que existem semelhanças no que se refere aos principais motivadores que podem ser observados nos topônimos de áreas urbanas que já foram estudadas no Mato Grosso do Sul.

Reitera-se que é significativo o apagamento de aspectos da cultura da população indígena na toponímia urbana. Tal ausência pode ser entendida como resultado das decisões dos gestores responsáveis pela nomeação dos espaços públicos, que privilegiam a reprodução de determinadas narrativas, geralmente eurocêntricas e, em alguns casos, com destaque para aspectos religiosos cristãos, em detrimento de identidades consideradas menos prestigiadas. Assim, o resultado é que, mesmo em lugares onde a presença indígena é marcante, como o município de Caarapó, os nomes dos logradouros não refletem essa diversidade.

5 Considerações finais

A análise do recorte da toponímia urbana de Caarapó (MS), tal como já constatado na análise da nomeação de espaços urbanos de outros municípios, demonstra como a toponímia urbana pode ser entendida como um reflexo dos valores, crenças e identidades de uma comunidade, assim como de suas relações com o espaço físico e social.

Os nomes coletados e analisados incluídos, por exemplo, nas categorias dos animotopônimos, corotopônimos, historiotopônimos, fitotopônimos, zootopônimos, entre outros, mostram que a escolha dos nomes das avenidas, ruas e travessas está intimamente relacionada com aspectos psicológicos, culturais, históricos, religiosos, entre outros aspectos físicos naturais da região.

Vale recuperar, mais uma vez, o destaque dos corotopônimos dentre os aspectos antropoculturais, que representam o hábito da transplantação de nomes de outros lugares, como estados e cidades revelando um mecanismo de nomeação consolidado para a toponímia urbana.

Já a presença de nomes de lugares bíblicos, como *Cafarnaum*, *Jericó* e *Nazaré*, reflete a influência religiosa na comunidade local, evidenciando o quanto a toponímia carrega valores que ultrapassam a simples denominação geográfica.

Além disso, a ocorrência de fitotopônimos e zootopônimos na toponímia urbana evidencia como elementos da fauna e da flora se impõem na nomeação dos espaços de um território. Essas ocorrências, entretanto, não devem ser interpretadas, de modo direto, como reflexo da presença efetiva de plantas ou animais nos espaços nomeados. Em contextos urbanos, essas categorias revelam, antes, a consolidação de um padrão denominativo recorrente, amplamente mobilizado na designação de vias e outros logradouros. Em outras palavras fitotopônimos e zootopônimos não descrevem, necessariamente, características naturais do lugar, mas se inserem em um repertório toponímico convencionalizado que parece contribuir para a atribuição de sentidos positivos para o espaço urbano.

Por fim, as vias que estão identificadas apenas com números remetem a uma fase preliminar de nomeação, em que as ruas ainda não receberam nomes definitivos. Isso sugere que a toponímia da cidade está em um processo contínuo de adaptação e evolução, refletindo o estágio de desenvolvimento da comunidade e das infraestruturas urbanas.

Em suma, o estudo da toponímia de Caarapó ajuda a compreender como o espaço urbano é permeado por significados que vão além da necessidade de organizar e orientar o plano físico. As avenidas, ruas e travessas não são apenas locais de passagem, mas carregam em seus nomes memórias, crenças e aspirações da comunidade. Isso pode ser observado mesmo quando o estudo exclui os nomes de pessoas, um dos motivadores mais recorrentes da toponímia urbana.

Entende-se que os resultados apresentados têm o mérito de contribuir para a compreensão dos processos de nomeação de lugares da área urbana, auxiliando no mapeamento das influências culturais, históricas, sociais e físicas que moldam a toponímia de um espaço. Além disso, os estudos de toponímia urbana contribuem

para se compreenderem melhor as interações entre os habitantes e seu espaço, apresentando um potencial de ser subsídio para ações de planejamento urbano, de gestão territorial e de implementação de políticas que tenham relação com a identidade local.

Referências

BACKHEUSER, E. A. Toponímia: suas regras, sua evolução. **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro, v. IX-X, n. 25, p. 163-195, 1949/1950.

BITTENCOURT, K. P. **Toponímia urbana da cidade de Três Lagoas – MS: interfaces entre léxico, cultura e história**. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS, 2015.

BLAIR, D.; TENT, J. A revised typology of place-naming. **Names: A Journal of Onomastics**, Pittsburgh, v. 69, n. 4, p. 226–244, 2021. DOI <https://doi.org/10.5195/names.2021.2260>

CAMBRAIA, C. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. Princípios de estruturação da toponímia urbana: uma análise comparativa da toponímia do primeiro trintênio da cidade de Belo Horizonte. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 68, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/1981-5794-e18222>

DAUZAT, A. **La Toponymie Française**. Paris: Payot, 1946.

DICK, M. V. de P. do A. A toponímia como meio de investigação lingüística e antropológica. *In*: ISQUERDO, A. N. (org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil – Portugal**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. p. 215-231.

DICK, M. V. de P. do A. Os nomes como marcadores ideológicos. **Acta Semiótica et Linguística – SBPL (Sociedade Brasileira de Professores de Linguística)**. São Paulo: Plêiade, v. 7. p. 97-122, 1998.

DICK, M. V. de P. do A. Toponímia e cultura. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo/SP, n. 27, p. 93-101, 1987.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil: Coletânea de estudos**. 2.ed. São Paulo/SP: FFLCH/USP, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo/SP: Arquivo do Estado, 1990b.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://houaiss.online/houaission/apps/www2/v8-0/html/index.php>. Acesso em: 24 jun. 2025. (Conteúdo disponível mediante assinatura).

ISQUERDO, A. N. (org.). **Toponímia urbana no Brasil: estudos**. v. 3. Campo Grande: Editora UFMS, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5662>. Acesso em: 27 maio 2025.

ISQUERDO, A. N. (org.). **Toponímia: tendências toponímicas no estado de Mato Grosso do Sul** v. 2 [recurso eletrônico] – Campo Grande, MS: Ed. da UFMS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3549>. Acesso em: 24 jun. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: primeiros resultados de população e domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico-2022.html?edicao=41773>. Acesso em: 27 abr. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Caarapó. Histórico**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/caarapo/historico>. Acesso em: 09 jan. 2026.

MORI, O. Aspectos teóricos relevantes de las designaciones urbanas. ILIESCU, M.; SILLER-RUNGGALDIER; H.; DANLER, P. (ed.). **Actes du XXV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes**. Innsbruck, 2007. p. 316-323.

NASCENTES, A. A saudade portuguesa na toponímia brasileira. **Revista Letras**, v. 11, p. 5–20, 1960. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19903>. Acesso em: 27 maio 2025.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1987.

SILVA, D. A. Toponímia Bíblica: Um Estudo dos Montes nas Escrituras Sagradas. In: **I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (I SIMELP)**, 2008, São Paulo. Disponível em: <https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02-1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2025.

SANTOS, W. R. C. dos. **A toponímia da cidade de Ladário/MS: interfaces entre léxico, cultura e história.** 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

STEWART, G. R. A Classification of Place Names. **Names**, n. II (1), p. 1-13, 1954. DOI <https://doi.org/10.1179/nam.1954.2.1.1>

TAVARES, M. Tendências da toponímia urbana do município de Dourados – MS: os nomes das ruas. **Guavira Letras**, n. 25, p. 79-95, jul./dez. 2017.